

Rubem Braga

ESCREVER mal é fácil; há pessoas que escrevem naturalmente mal, sem nenhum esforço, ou apenas graças a um pequeno esforço no sentido de escrever muito bem. São os maus escritores vulgares. Neste momento estou pensando é nos outros, nos iluminados (iluminados aqui, naturalmente, quer dizer, demoníacos) da arte de escrever mal.

O primeiro caso que me ocorre não é o de um mau escritor habitual; não. Trata-se de um homem que normalmente até escreve bem, com certa dignidade e limpeza; mas um dia lhe deu um estalo... Vou contar.

Joel Silveira dirigia um semanário, e há muito tempo aquêlê amigo lhe prometia um artigo. Seria sobre política ou economia; ou talvez as duas coisas embrulhadas em História, pois o amigo, além de poeta, era historiador. Mas não havia jeito de o artigo sair. Joel cobrava, o amigo dizia que estava caprichando. Até que chegou o dia fatal. O escritor entrou na redação e, em silêncio, tirou o artigo do bolso e o pôs na mesa, sob os olhos de Joel.

— Oh, até que enfim!

Silveira abriu-se num sorriso, ergueu-se para abraçar o amigo; depois sentou-se outra vez, pegou o artigo, leu apenas duas palavras e ficou de uma palidez mortal. Com um gesto de invencível repulsa afastou as laudas de sua frente e mal conseguiu articular:

— Não...

O outro estacou, surpreso. Joel parecia ir sucumbir; apelou para tôdas as energias sergipanas, ergueu-se novamente e, pegando o artigo sem lhe lançar mais os olhos, devolveu-o ao autor:

— Não!

O outro ficou sem saber se aquilo era brincadeira ou deveras; mas Joel Silveira recobrou sangue, e recobrou até demais. Estava rubro, seus olhos faiscavam:

— Você está louco? Eu fecho êste jornal mas êsse artigo não sai!

E berrou para mim, a duas mesas de distância, como quem pede socorro:

— Rubem!

Quando me aproximei, êle retomou o artigo da mão do amigo e me mostrou:

DN 29.9.56
DN 30.10.66
RN 315

O DEMÔNIO

— Veja se é possível publicar isto! Leia só as três primeiras palavras: você não chegará à quarta! Ninguém, no mundo, conseguirá chegar até a quarta palavra, a linotipo vai engasgar na hora de compor isso!

Olhei — mas Joel já bradava para tôda a redação ouvir, aquêlê comêço genial: “Tirante, é óbvio...”
E indignado.

— A gente tropica na primeira vírgula, passa por cima dêsse óbvio, bate com a cabeça na segunda, morreu!

* * *

O outro caso foi o de uma senhora. Uma senhora que tinha seus encantos, usava perfume francês. Estava muito bem recomendada. Caio de Freitas, que era o secretário da redação, tinha ordem de publicar a sua crônica. Ela entrou na sala com seu andar musical, abriu a bolsa, meteu lá a longa mão branca (lembro-me das veias azuis) e com um sorriso encantador estendeu o original:

— Aqui está...

Caio sorria com seus olhos verdes, encantado com aquela presença. Vi, porém, que seu sorriso murchava. Por um instante senti que seus lábios tremiam ligeiramente, como se estivesse reprimindo um acesso de cólera. Conteve-se. Fechou a cara. Meteu a crônica na gaveta. Fêz um ar apressado, levou a senhora até o elevador, beijou-lhe a mão, conseguiu forjar um sorriso de despedida, mas quando voltou sua expressão era de ódio impotente misturado com desalento. Tirou a crônica da gaveta e me mostrou: “Natal! Natal! Bimbalham os sinos...”

* * *

O demônio é forte. Até hoje sou incapaz de ouvir falar em Natal sem me lembrar daquelas palavras terríveis, que me perseguem há quinze anos: “Natal! Natal! Bimbalham os sinos...”

E muitas vêzes, quando me sento diante da máquina, principalmente nos dias de mormaço e tédio, sinto que o demônio me domina e me vem a tentação terrível de começar com as palavras fatais: “Tirante, é óbvio...”